



SEÇÃO: ARTIGO

O corpo feminino e a educação: relato de experiência pedagógica com base na leitura da poesia de Rupi Kaur

The female body and education: report of pedagogical experience from the reading of Rupi Kaur's poetry

El cuerpo femenino y la educación: informe de experiencia pedagógica a partir la lectura de la poesía de Rupi Kaur

Daisy da Silva César¹

orcid.org/0000-0002-9131-4392

daisy.cesar@viamao.ifrs.edu.br

Jessica Frasson²

orcid.org/0000-0002-6142-1971

jehfrasson@hotmail.com

Recebido em: 26/02/2021.

Aprovado em: 01/03/2021.

Publicado em: 17/08/2021.

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar o relato de uma experiência pedagógica interdisciplinar que envolveu a discussão sobre o corpo feminino com base na leitura da poesia da autora indiana Rupi Kaur, com o estudo de poemas da obra *Milk and honey*, lançada no Brasil com o título *Outros jeitos de usar a boca*. A experiência ocorreu durante um encontro do projeto de extensão intitulado Clube de Leitura, desenvolvido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Viamão, que envolveu docentes, profissionais da área técnicas, bolsistas e demais estudantes. Selecionamos nove dos poemas lidos durante o encontro, abordando-os em quatro categorias de análise, identificadas tanto na roda de conversa como na leitura dos poemas selecionados, a saber: a) objetificação da mulher; b) diferença na educação de meninos e meninas; c) padronização e controle dos corpos; d) autoestima e empoderamento. O estudo revela a importância da leitura da literatura de autoria feminina e a urgência de discussões sobre o corpo da mulher na educação.

Palavras-chave: Experiência pedagógica. Corpo feminino. Poesia de autoria feminina.

Abstract: The purpose of this article is to present the report of an interdisciplinary pedagogical experience, involving the discussion about the female body from the reading of the poetry of the Indian author Rupi Kaur, with the study of poems from the book *Milk and honey* launched in Brazil with the title *Outros jeitos de usar a boca*. The experience took place during a meeting of the university extension project entitled 'Clube de Leitura', developed by Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Viamão, with professors, technical professionals, students scholarship and other students. We selected nine of the poems read during the meeting, discussing them from four categories of analysis, identified in the conversation circle and in the reading of the selected poems, namely: a) objectification of the woman; b) difference in the education of boys and girls; c) standardization and control of bodies; d) self-esteem and empowerment. The work reveals the importance and urgency of approaching transversal themes in education. The study reveals the importance of reading the literature written by women and urgency of discussions about the body of women in education.

Keywords: Pedagogical experience. Feminine body. Poetry written by women.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar un informe de una experiencia pedagógica interdisciplinaria, involucrando la discusión sobre el cuerpo femenino a partir de la lectura de la poesía de la autora indiana Rupi Kaur, con el estudio de poemas de la obra *Milk and honey*, lanzado en el Brasil con el título *Outros jeitos de usar a boca*. La experiencia ocurrió durante un encuentro del proyecto de extensión universitaria intitulado 'Clube de Leitura', desarrollado por el Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Viamão, junto a docentes, profesionales del área técnica, becarias y demás estudiantes. Hemos seleccionado nueve de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Viamão, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

los poemas leídos durante el encuentro abordándolos a partir de cuatro categorías de análisis, identificadas en el círculo de conversación y en la lectura de los poemas seleccionados, a saber: a) objetificación de la mujer; b) diferencia en la educación de niños y niñas; c) estandarización y control de los cuerpos; d) autoestima y empoderamiento. El estudio revela la importancia de la lectura de la literatura de autoría femenina y la urgencia de discusiones sobre el cuerpo de la mujer en la educación.

Palabras clave: Experiencia pedagógica. Cuerpo femenino. Poesía de autoría femenina.

Introdução

*mesmo quando a mente esquece
meu corpo lembra
meu corpo é o mapa de minha vida
meu corpo veste tudo o que viveu*

(RUPI KAUR, 2020, locais do kindle 127).

Falar abertamente sobre o corpo feminino e seus processos, no contexto escolar, é ainda hoje considerado um tabu. Entretanto, evitar essa temática, especialmente na educação de crianças e adolescentes, costuma ser muito prejudicial. Isso é fato especialmente considerando-se sua relação com o autoconhecimento e o autocuidado desse corpo que recorrentemente vem sendo alvo de abusos sexuais, de *bullying* e de críticas relacionadas às padronizações impostas pela sociedade capitalista que, cada vez mais, escancara as desigualdades e cristaliza a ideia de "corpo perfeito/ideal", reduzindo a diversidade e a complexidade existentes na estrutura social.

Estudar, conhecer, aprender e falar sobre os corpos nos espaços da sala de aula e da escola, em geral, significa romper com a construção social heteronormativa que naturaliza os atributos físicos e biológicos *pari passu*, que marginaliza e oprime aqueles que não se encaixam nos parâmetros impostos. Por isso, torna-se fundamental possibilitar a promoção de espaços para esse debate no ambiente escolar, sobretudo quando a necessidade parte de sugestões e reivindicações das estudantes, como é o caso da experiência abordada neste estudo.

A experiência aqui relatada surgiu do desejo de algumas estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) –

Campus Viamão – em realizar a leitura e a discussão de obras literárias de autoria feminina, com o intuito de propor o estudo de textos que lhes fossem representativos e que pudessem contribuir para ampliar a discussão sobre uma variedade de questões relacionadas ao feminino, incluindo o corpo.

O presente artigo tem como objetivo apresentar o relato dessa experiência pedagógica interdisciplinar, realizando uma discussão sobre o corpo feminino após a leitura de uma seleção de poemas da autora indiana Rupi Kaur. Essa triagem foi feita com base no debate ocorrido em um encontro do projeto de extensão intitulado Clube de Leitura e promovido pelo IFRS – Campus Viamão.

A obra literária da escritora é composta de coleções de poemas e ilustrações inter-relacionadas, produzidas pela própria autora. Seu primeiro livro, *Milk and honey*, foi publicado em 2015 de forma independente e foi lançado no Brasil com o título *Outros jeitos de usar a boca*. A obra vendeu mais de oito milhões de cópias, tendo sido traduzida para mais de 42 idiomas. Na sequência, a autora publicou *The sun and her flowers*, publicado no Brasil em 2018, como *O que o sol faz com as flores*. E recentemente, em 2020, publicou *Home body*, lançado no Brasil como *Meu corpo, minha casa*.

As três publicações trazem um interessante trabalho com a linguagem. Em homenagem ao idioma punjabi, natural da Índia, a autora escreve em inglês somente com letras minúsculas, incluindo os títulos, característica que, segundo a autora, destaca a igualdade de importância de todas as palavras do idioma.

1. Percurso metodológico

O referido texto caracteriza-se como um estudo de caráter qualitativo. Segundo Minayo (2010), a pesquisa qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados, no nível de realidade social que não é clara e que precisa ser exposta e interpretada, uma vez que "o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes" (MINAYO, 2010, p. 21). Assim, apresentamos nosso relato

de experiência com a finalidade de interpretar e compreender os fenômenos sociais que, de uma forma ou outra, englobam a cultura escolar e os sujeitos sociais que dela fazem parte. Nesta seção, apresentamos o palco de investigação no qual nossa experiência pedagógica se desenvolveu, bem como os sujeitos sociais envolvidos com a realização do projeto.

O cenário do estudo foi o projeto de extensão intitulado Clube de Leitura e promovido pela biblioteca do IFRS – Campus Viamão no ano de 2019, em que professoras de Letras e de Educação Física participaram junto de outros docentes da área de Letras e um de Artes, contando eventualmente com a participação de docentes de outras áreas do conhecimento. O projeto conta também com técnicos administrativos, entre eles a bibliotecária coordenadora do projeto, bolsistas de extensão, estudantes do campus e comunidade externa.

Conforme indicado pelo seu título, o projeto funciona como um clube de leitura no qual os participantes se reúnem e realizam juntos a leitura designada para cada encontro. Essa etapa pode ser silenciosa ou não, conforme acordo entre os participantes, e é seguida por uma roda de conversa, primeiramente sobre as impressões iniciais da leitura e posteriormente sobre discussões mediadas por bolsistas.

Para a organização de cada encontro, bolsistas do projeto selecionam previamente a obra literária e os trechos da publicação que deverão ser lidos durante o encontro. Depois disponibilizam o material selecionado por intermédio de *QR-code* na ocasião da divulgação do evento. Não há necessidade de inscrição prévia. Para participar, os interessados devem comparecer no local e horário programado. Durante o encontro, são disponibilizadas algumas cópias impressas, porém por conta de preocupações ecológicas existe a preferência pelo uso de material eletrônico nos casos em que os participantes ou a biblioteca não possuam o livro físico. O sucesso do projeto tem sido notório, com um número crescente de pessoas interessadas a cada evento.

Para a realização do encontro que está sendo relatado, foram selecionados pelas bolsistas de

extensão do projeto 13 poemas da primeira publicação da autora, *Outros jeitos de usar a boca*. A obra escolhida é dividida em quatro partes, intituladas “dor”, “amor”, “ruptura” e “cura” e traz temas como abuso, violência, amor, perda, feminilidade, sororidade, entre outros.

Neste artigo, para a apresentação das experiências vividas, optamos por realizar um recorte, selecionando nove dos 13 poemas lidos no encontro. Esses textos foram discutidos em quatro categorias de análise, identificadas tanto na roda de conversa como na leitura dos poemas selecionados, a saber:

- a) objetificação da mulher;
- b) diferença na educação de meninos e meninas;
- c) padronização e controle dos corpos;
- d) autoestima e empoderamento.

Utilizando como referencial a segunda edição do livro, que foi publicada no ano de 2017, os poemas selecionados podem ser identificados nas páginas 20, 21, 27, 38, 94, 103, 177, 178 e 185. A escolha desses poemas se deu pelo fato de que eles estão organicamente relacionados com a temática deste artigo: o corpo feminino e a educação.

2. Relato da experiência pedagógica

No segundo semestre de 2019, realizamos um encontro para a leitura e a discussão de trechos de *Outros jeitos de usar a boca*, de Rupi Kaur. Estavam presentes, junto da bibliotecária coordenadora do projeto, um professor de português e inglês, as bolsistas do projeto, que na ocasião eram três estudantes do segundo ano do Ensino Médio Integrado aos cursos de Administração e Meio Ambiente, e outros cinco estudantes, sendo quatro meninas e um menino. A maior parte dos estudantes cursava o ensino médio, porém alunos de outros cursos também estavam presentes. Por escolha das bolsistas, o encontro foi realizado na sala de convivência do campus, que é frequentada majoritariamente por discentes. A escolha fez com que estudantes que estavam no local por outras razões pudessem

participar das discussões, com certa timidez e distanciamento inicialmente, mas com visível interesse, incorporando-se ao grupo conforme as discussões iam se aprofundando.

O encontro começou com a exposição do funcionamento e dos objetivos do clube de leitura, pois esse encontro marcou a primeira edição do projeto, seguida pela apresentação da autora e da obra escolhida por uma das bolsistas, que mostrou os livros físicos das duas obras da autora já publicadas até então. Após essa introdução, foi realizada a leitura coletiva dos poemas selecionados e, em seguida, abriu-se espaço para a discussão.

O debate iniciou-se com a troca de impressões iniciais da leitura, ao mesmo tempo em que era relatado o impacto causado pelos poemas lidos. Como muitos dos textos escolhidos abordam diretamente o corpo feminino e experiências a ele relacionadas, seguiram-se discussões sobre experiências pessoais, especialmente entre as mulheres presentes.

Após o primeiro contato com os textos durante o encontro, nenhum participante mostrou indiferença. Todas as pessoas que fizeram uso da palavra manifestaram grande impacto com a leitura, especialmente em relação aos poemas que abordam a violência contra a mulher.

A discussão não foi pautada segundo a ordem de leitura proposta. As colocações sobre os textos e o debate suscitado por eles foram sendo apresentados na fluidez da roda de conversa.

3. Discussão

Com base nos aspectos apresentados anteriormente, faremos uma discussão sobre a experiência acima relatada, apresentando também colocações e debates realizados durante o encontro.

Em primeiro lugar, é importante enfatizar que, para promover o ato da leitura visando à formação de leitores, um dos objetivos centrais do projeto Clube de Leitura, é importante oportunizar aos estudantes experiências efetivas de leitura por meio de propostas elaboradas com uma mediação cuidadosa, que instiguem os estudantes a sentir interesse pela leitura indicada. Os alunos presentes relataram a importância de iniciar com

propostas de leituras contemporâneas em um primeiro momento, para que seja possível adquirir o hábito da leitura. Uma vez estabelecida essa prática, torna-se possível introduzir textos diversos.

E, para mais, a presente experiência mostra que é possível partir das leituras dos próprios estudantes e contar com a sua mediação nas discussões para que eles percebam que podem ser protagonistas do ato da leitura, promovendo reflexões e possibilitando que mais estudantes sintam interesse pela prática e prazer nela.

Sobre o gosto pela leitura, Maria (2016) fala sobre a educação do gosto, afirmando que ela se faz por meio de encontros, paulatinamente. E que são as aproximações de textos que despertam o interesse do leitor que servirão de referencial para a comparação com grandes clássicos da literatura, que poderão ser lidos posteriormente.

E, se defendo, com veemência, que o prazer da leitura é ingrediente básico, fundamental, indispensável na formação de leitores, não acho justo esperar que estudantes com pouca ou nenhuma leitura de obras literárias, às vezes nenhuma leitura de livro algum, comecem a ler pelas obras-primas (MARIA, 2016, locais do Kindle 439).

Com relação à leitura e à escola, Zilberman (2009) chama a atenção para o que denomina de crise da leitura, relacionando-a com a crise da escola, e propõe como caminho para essa problemática que a escola proponha um novo pacto entre estudantes e o texto e uma recuperação do teor revolucionário da leitura literária. "[...] por desencadear um processo de democratização do saber e maior acesso aos bens culturais, a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. E este fator relaciona-se especialmente com a leitura" (ZILBERMAN, 2009, p. 25).

Na escola, seja em sala de aula, seja em projetos de ensino, pesquisa e extensão, torna-se importante promover uma experiência de leitura que seja significativa para os estudantes. Por meio do encontro relatado, percebe-se que uma das formas de fazê-lo é com leituras que sejam representativas no sentido de agregar diferentes causas e lutas sociais, como a luta contra o racismo e contra o sexismo, entre outras frentes tão importantes quanto as colocadas anteriormente

— especialmente quando a demanda parte de estudantes, conforme já ressaltado.

Diante dessas considerações, acreditamos que a leitura da poesia de Rupi Kaur possa contribuir para essa aproximação inicial com o objeto literário, especialmente considerando-se as estudantes do sexo feminino, mas não exclusivamente. Isso porque Rupi é uma escritora contemporânea e jovem, nascida na Índia e radicada no Canadá, que pertence à geração chamada *instapoet*, conhecida por postar sua poesia em redes sociais como o *Instagram*. A escolha pela obra de Rupi contribui também para desmistificar a leitura de poesia, que, na experiência de professores de literatura presentes no encontro, não costuma ser tão popular entre jovens se comparada à das narrativas, pois a poesia da autora é muito próxima à linguagem das redes sociais.

Na ocasião do encontro, as discussões versaram em torno do corpo feminino, da educação de meninos e meninas, das violências diversas e da autoestima, entre outros assuntos relacionados. Para analisar a experiência vivenciada, os poemas selecionados para a presente discussão foram divididos em quatro categorias analíticas. São elas: objetificação da mulher; diferença na educação de meninos e meninas; padronização e controle dos corpos; e empoderamento e autoestima.

A primeira categoria que apresentamos para reflexão, intitulada "objetificação da mulher", emergiu especialmente da discussão do poema da página 21. Esse poema não possui título e inicia-se em segunda pessoa, falando diretamente a uma leitora sobre homens que procuram mulheres para fazer uso sexual de seu corpo como objeto, sem demonstrar interesse em outro tipo de relação com elas. O poema traz o trecho "você cresceu ouvindo que suas pernas são um pit stop para homens que procuram um lugar para repousar", seguido pela segunda parte, que apresenta a passagem "um corpo vazio e desocupado o bastante para receber hóspedes mas nenhum chega disposto a ficar" (KAUR, 2017, p. 21).

Na roda de conversa, foi discutida a questão de que a mulher, na sociedade, frequentemente é reduzida ao nível de objeto, sendo passível de

classificações, de explorações e de generalizações, ou seja, uma compreensão que desconsidera as dimensões subjetivas que constituem os sujeitos, portanto os corpos.

Mencionou-se também que essa compreensão reducionista dos corpos femininos tem raízes profundas e históricas. E, com a clássica frase de Simone de Beauvoir "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1967, p. 09), entendemos que a objetificação dos corpos femininos é decorrente de uma construção social que, historicamente, enquadra e nomeia "o que é ser mulher", apontando desde o tom "adequado" de fala, a vestimenta, o lugar que uma mulher deve ocupar na sociedade e, em alguns casos, como deve ocupá-lo.

Em uma sociedade de classes como a que vivemos, não é novidade que historicamente as mulheres tenham ocupado um lugar de subserviência. Silva Federici, no livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, aponta explicações para a "execução de centenas de milhares de 'bruxas' no início da Era Moderna e por que o surgimento do capitalismo coincide com essa guerra contra as mulheres" (FEDERICI, 2017, p. 29, grifo da autora). No mesmo sentido, Martin (2006, p. 14) aponta que "a ideologia de produção, concretizada nas fábricas" a partir do século XIX é tão abrangente que chega aos corpos. Os corpos das mulheres passam a ser pensados "[...] como fábricas para a produção de crianças".

Compreendemos desde de Federici (2017, p. 37) que "o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo". Portanto, junto da "relação simbiótica entre o trabalho assalariado contratual e a escravidão", é possível identificarmos "a dialética que existe entre acumulação e destruição da força de trabalho, tensão pelas quais as mulheres pagam o preço mais alto, com seus corpos, seu trabalho e suas vidas" (FEDERICI, 2017, p. 37). Também nos apoiamos em Carneiro (2003), que destaca que a disparidade, a subordinação e as vidas ceifadas são ainda maiores entre as mulheres negras, pois "o esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento

social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica" (CARNEIRO, 2003, p. 129). A autora segue afirmando que essas mulheres tiveram uma experiência histórica particular que "o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida ainda tem na identidade dessas mulheres" (CARNEIRO, 2019, locais do Kindle 6109).

À medida que as discussões, na roda de conversa, avançavam sobre a objetificação dos corpos como uma construção histórica, foi possível compreendermos outros fenômenos que marcam a inscrição das mulheres na sociedade. Um deles é a educação, tanto aquela que se dá no nível familiar e social como a educação formal recebida de instituições de ensino regular. Para discutir o tema, apresentamos outros dois poemas escolhidos, que nos ajudam nessa reflexão, e ressaltamos que eles constituem com o poema anterior a segunda categoria de análise construída, a saber, a "diferença na educação de meninos e meninas".

Nesse sentido, já na década de 1980, Navarro (1988) afirmava que a ideologia patriarcal, definida pelo sistema de dominação do homem e subordinação da mulher, é inculcada por meio da socialização. Desde pequenos, os membros da família são socializados para serem mulheres ou homens, e não educados para serem simplesmente seres humanos. Faz-se uma segregação entre os sexos que está relacionada a condicionamentos e predisposições culturais e que faz com que, desde o nascimento, meninos e meninas sintam-se compelidos a ter um comportamento diferenciado, o que impede, mais tarde, sua plena realização como pessoas.

Tal segregação acontece no ambiente familiar, com a imposição dos papéis de gênero, que são repetidos e ampliados em outros ambientes, incluindo a instituição escolar. Nesse ambiente ocorre, por exemplo, o estabelecimento de uma fila para meninos e outra para meninas, representando uma divisão que não apresenta utilidade pedagógica, exceto o desserviço da segregação e da manutenção da heteronormatividade.

Durante o encontro, a discussão teve início com a leitura do poema disposto na página 20, que tampouco possui título, não apresenta ilustração e parte dos versos: "o primeiro menino que me beijou segurou meus ombros com força como se fossem o guidão da primeira bicicleta que ele subiu" (KAUR, 2017, p. 20). Na sequência do poema, a forma como o menino beija uma menina que tinha cinco anos é relacionada com a voracidade com que pai desse menino possuía sua mãe à noite. O texto sugere que o menino aprendeu a se relacionar com as meninas com base no aprendizado sobre como homens tratam as mulheres na realidade vivida. Na próxima estrofe, o poema demonstra que o menino foi o primeiro a ensinar que "meu corpo foi feito para dar aos que quisessem que eu me sentisse qualquer coisa menos que inteira" (KAUR, 2017, p. 20). O poema é concluído abordando o vazio das duas mulheres após as investidas masculinas.

Além de também exemplificar a objetificação do corpo feminino, o poema foi mote para a constatação de que a violência contra a mulher independe da idade dela e de que a diferença na educação de meninos e meninas, sobretudo no que se refere aos seus corpos, ocorre não somente nas culturas em que a autora está inserida, expressas pelo eu lírico do poema, mas também na realidade brasileira, no Sul do país, como demonstram os depoimentos das estudantes do Campus Viamão durante a roda de conversa. De acordo com as colocações de estudantes, percebemos, tal como ocorre na poesia citada, que, enquanto os meninos recebem uma educação que lhes permite entender o corpo da mulher como um objeto à sua disposição, as meninas aprendem que seus corpos estão disponíveis para o uso masculino.

O poema da página 27 está disposto, assim como os anteriormente citados, na seção intitulada "a dor" da publicação de Rupi, e foi endereçado "aos pais que têm filhas" (KAUR, 2017, p. 27). Esse poema traz a ilustração de uma figura infantil sem rosto, com vestido e cabelo longo, e apresenta a ideia de que se os pais gritam com suas filhas, dizendo que o fazem por amor, estão, com isso, educando-as para que cresçam "con-

fiando em homens violentos porque eles são tão parecidos com você" (KAUR, 2017, p. 27). Dessas leituras, surgiram relatos abordando a crença cultural de que se um menino destrata uma menina está contraditoriamente demonstrando seu amor secreto por ela. Tal discurso que pais, mães ou responsáveis direcionam a suas filhas ensina, desde cedo, que mulheres devem aceitar serem tratadas com atitudes desrespeitosas e até mesmo violentas, o que estimula que naturalizem o comportamento abusivo como algo inerente ao relacionamento entre homens e mulheres.

Ainda que não tenha sido aprofundada na experiência pedagógica, foi mencionada a diferença de educação que as meninas recebem no ambiente familiar, comparada com aquela recebida por seus irmãos homens no que tange às tarefas domésticas do dia a dia.

Assim, ao fim e ao cabo, compreendemos que as discussões, no debate, versaram sobre a educação dos corpos das mulheres para servir, para gerar e para criar. Esse tema expandiu-se à medida que discutimos a diferença das expectativas depositadas em meninos e meninas na educação em família e na sociedade, que é continuada em outras instituições, como a escola, por exemplo, especialmente quanto ao entendimento do próprio corpo e do corpo do outro. Essa discussão também nos conduziu a construir a terceira categoria de análise, que denominamos de "padronização e controle dos corpos".

De acordo com Wolf (1992, p. 13), "a ideologia da beleza é a última das ideologias femininas que ainda têm poder de controlar as mulheres após a segunda onda do feminismo". Segundo a autora, "ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar" (p. 13). E afirma ainda que "quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres na sociedade patriarcal, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens de beleza a nós impostas" (WOLF, 1992, p. 11).

Vislumbrando uma possível proposta de enfrentamento dessa importante problemática, Rupi Kaur aborda nos poemas das páginas 177 e 178, apresentados na seção "a cura", o tema do cor-

po feminino. Destaca características físicas que costumam ser apontadas como negativas pela já citada ideologia da beleza, porém enfatiza, na sua poesia, que tais traços compõem o corpo de uma mulher real, opondo-se à padronização dos corpos que a sociedade patriarcal impõe às mulheres. Nesse sentido, Rupi traz o seguinte verso: "gosto de ver como as estrias das minhas coxas são humanas" (KAUR, 2017, p. 177).

O poema da página 178 trata ainda mais diretamente do tema da padronização e do controle dos corpos, fazendo uma crítica ao conceito excludente de beleza que impera nas diferentes culturas. Para expressar sua crítica à exclusão de todo o corpo que não é ocidental, branco e magro, seu poema inicia-se da seguinte forma: "meu problema com o que consideram bonito é que o conceito de beleza se baseia na exclusão". Na sequência, demarca posicionamento contrário à obrigatoriedade da depilação feminina, apresentando a presença de pelos no corpo das mulheres como um traço feminino positivo: "acho bonito quando uma mulher usa o pelo como um jardim na pele" (KAUR, 2017, p. 178). Mais adiante, a autora destaca a presença de narizes grandes e aduncos e aborda também a pele cor de terra, coxas grossas e olhos de amêndoas, fazendo referências às mulheres indianas e relacionando-as a aspectos positivos de sua própria cultura: "pele da cor da terra das plantações dos meus antepassados que alimentavam uma linhagem de mulheres de coxas grossas como os troncos das árvores". Finaliza como o trecho "por isso não venha me dizer que minhas mulheres não são tão bonitas quanto as mulheres de seu país" (KAUR, 2017, p. 178), fazendo oposição à ideia de que a beleza deva ser reduzida ao padrão ocidentocêntrico.

Na roda de conversa, discutimos com base no referido poema o controle dos corpos das mulheres por meio da padronização imposta pela mídia, que, com o objetivo de estimular o consumo, define não apenas os lugares que as mulheres ocupam, como também fomentam a incansável busca pelo corpo perfeito/ideal. Aproximamo-nos de Wolf (1992) ao entender que os padrões de beleza vendidos na mídia, são, na maioria das vezes, inatingíveis e que aumentam

o consumo de uma gama de produtos e serviços de beleza, afetando negativamente a autoimagem feminina, especialmente de adolescentes, conforme destacado durante a discussão com o grupo. Sobre o tema, a escritora chilena Isabel Allende (2020, p. 41) afirma que "é impossível se encaixar no modelo que nos é imposto pela publicidade, pelo mercado, pela arte, pelos meios de comunicação e pelos costumes sociais. Cultivando nossa baixa autoestima, nos vendem produtos e nos controlam"².

Entendemos que a construção de uma baixa autoestima nas mulheres, como destaca Allende (2020), pode ser um dos instrumentos do mecanismo de controle dos corpos, que cada vez mais impõe e legitima a dominação sobre as mulheres. Na sociedade capitalista que vivemos, em que o consumo é o motor que faz girar o sistema, quanto mais insatisfeitas as mulheres estiverem com seus corpos, mais elas se sentem inclinadas a consumir e, quanto mais consomem em busca da idealização prometida, mais os sistemas de dominação cumprem sua função política de impor, legitimar, dominar e domesticar os corpos das mulheres. Uma vez que dediquem todos os esforços na busca incontestável do corpo padrão, as mulheres estarão condicionadas a não questionar o patriarcado, a não reivindicar melhores condições de vida, ou ainda a não lutar pelo fim das desigualdades existentes.

Durante o encontro, as discussões sobre a padronização e o controle dos corpos e a leitura do poema da página 38 fizeram emergir a quarta e última categoria de análise, intitulada "autoestima e empoderamento". O referido poema fala sobre o silenciamento da mulher e inicia-se como o trecho: "você me diz para ficar quieta porque minhas opiniões me deixam menos bonita". Na sequência, o texto traz o sentimento de inconformidade com relação a isso, apresentando a passagem que começa com uma conjunção adversativa: "mas não fui feita com um incêndio na barriga para que pudessem me apagar" (KAUR, 2017, p. 38).

Igualmente, compõem a quarta categoria os

poemas das páginas 94 e 103. O da página 94 inicia-se na terceira pessoa, "ele", abordando o fato de que esse homem declara seu amor somente na ocasião que precede o sexo, sugerindo que só o faz com a finalidade de obtê-lo, mais uma vez abordando a objetificação do corpo feminino. A segunda parte do poema é escrita em segunda pessoa, falando diretamente com quem está lendo o poema: "é aí que você tem que entender a diferença entre querer e precisar" (KAUR, 2017, p. 94). E finaliza afirmando que é possível desejar tal homem, mas afirma categoricamente que isso não é uma necessidade.

O poema da página 103 traz a ilustração de uma mulher sentada no chão com a cabeça baixa e os braços cobrindo a cabeça. O texto reproduz a fala de uma mulher que não está disposta a prosseguir em determinada relação amorosa, não por deixar de amar, mas porque percebeu que a relação estava destruindo seu amor-próprio: "fui embora porque quanto mais eu ficava menos eu me amava" (KAUR, 2017, p. 103). Esse poema, no debate, provocou as mulheres, a maior parte delas adolescentes, a repensarem seus relacionamentos anteriores, pois havia indícios de que histórias poderiam ser compartilhadas com base no texto lido.

Representando uma realidade mundial, as estimativas globais publicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e reprisadas pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) indicam que aproximadamente uma em cada três mulheres (35%) em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida (OPAS/OMS, 2017).

Os debates sobre os poemas elucidaram também a necessidade de contribuir para aumentar a autoestima e o empoderamento femininos como categorias importantes para pensarmos sobre formas de permitir com que as mulheres sintam-se confortáveis com seus corpos, além de propor ações para que suas experiências não sejam silenciadas por outras vozes ou pelo ritmo da rotina diária de suas trajetórias de vida. Nesse sentido, discutimos também a importância do

² Tradução de responsabilidade das autoras.

empoderamento coletivo e aproximamo-nos da compreensão elucidada pelo movimento feminista negro: "trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança" (RIBEIRO, 2018, p. 135). A autora acrescenta que empoderar-se, na perspectiva do feminismo negro, "significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras" (RIBEIRO, 2018, p. 136).

À guisa de finalização, apresentamos o poema da página 185, que foi o mote principal para a escrita desta experiência pedagógica e contém elementos que dialogam com todas as categorias de análises propostas. É um poema que aborda a menstruação e o tabu que acompanha o tema. Na primeira estrofe do poema a autora escreve: "parece deselegante falar da minha menstruação em público porque a verdadeira biologia do meu corpo é real demais" (KAUR, 2017, p. 185). Durante o debate foi lembrado que, na escola, especialmente nas aulas de educação física, a menstruação é um tema recorrente, pois pode interferir na realização de alguma atividade que requer maior movimentação corporal, uma vez que algumas estudantes se sentem menos dispostas durante o período menstrual, entretanto frequentemente algumas não se sentem à vontade para sequer mencionar a questão, especialmente diante de meninos.

A discussão sobre a menstruação envolve o controle do corpo feminino por parte da sociedade patriarcal, fazendo com que meninas de diversas culturas sintam-se desconectadas de sua própria natureza biológica, considerem o processo biológico natural como algo sujo e feio ou se sintam inferiorizadas por conta disso. Naturalizar socialmente um processo que já é natural em seus corpos é um ato de recuperação da autoestima e de recuperação do controle de seu corpo e de seus processos, possibilitando também o empoderamento.

Na segunda estrofe do poema, a autora traz questões que nos possibilitam retomar a categoria da objetificação da mulher ao escrever: "é legal vender o que uma mulher tem entre

as pernas mas não é tão legal mencionar suas entranhas". Ela finaliza com a seguinte estrofe: "o uso recreativo deste corpo é considerado uma beleza mas sua natureza é considerada feia" (KAUR, 2017, p. 185). Com essa antítese, a autora expõe mais uma vez a opressão do patriarcado quando ensina uma sociedade a considerar o corpo de uma mulher como um objeto a ser utilizado com fins recreativos, mas não valoriza o que há de subjetivo nesse corpo, que não está desvinculado de um sujeito.

Interpretamos que a crítica da autora no poema versa sobre a apropriação dos corpos femininos e, para esse debate, recorremos a Martin (2006), que demarca as relações entre menstruação, trabalho e classe social. Histórica e culturalmente, Martin (2006) destaca que a menstruação é vista como um tabu e que precisa ser controlada, escondida e tornada invisível nos espaços públicos, sobretudo os de trabalho. Para a autora, há, na sociedade patriarcal em que vivemos, "uma gama de dificuldades de ordem prática que fazem parte de um dia de menstruação, considerando a maneira como estão organizados nossos tempos e nossos espaços nas escolas e nos locais de trabalho" (MARTIN, 2016, p. 155). Em outras palavras, é possível destacar que a organização do trabalho industrial desconsidera as especificidades das funções corporais das mulheres e condiciona o controle dos corpos e das próprias representações que construímos sobre a menstruação. Por isso, compreendemos, mais uma vez, que o papel da educação se mostra essencial para desmistificar a menstruação, proporcionando o conhecimento necessário e a consequente mudança de perspectiva.

Considerações finais

Em vias de finalização, consideramos que os referidos poemas suscitaram, durante a roda de conversa, a necessidade de promoção de mais encontros com temáticas semelhantes no clube de leitura, na sala de aula e em outros espaços da instituição de ensino. Isso porque, conforme destacou Wolf (1992), "se quisermos nos livrar do peso morto em que mais uma vez transformaram nossa feminilidade, não é de eleições, grupos de

pressão ou cartazes que vamos precisar primeiro, mas, sim, de uma nova forma de ver” (p. 24). Essa “nova forma de ver” é uma questão primordial sobre a qual nós educadores e educadoras precisamos nos debruçar, seja no domínio de nossos componentes curriculares, seja na forma interdisciplinar ou mesmo no incentivo às ações propostas por estudantes. É uma necessidade urgente e necessariamente precisa estar na pauta daqueles que objetivam uma educação mais justa e menos desigual.

A experiência pedagógica possibilitou-nos considerar a necessidade de realizar mais ações que contem com o protagonismo dos estudantes e de propor atividades que estejam cada vez mais próximas da realidade vivida por esses sujeitos, pois é com a compreensão e a leitura da realidade concreta que se perspectiva a transformação social. Consideramos que a atividade proposta pelas estudantes no referido encontro promoveu discussões importantes para os envolvidos, que se reconheceram nos diferentes relatos. A experiência relatada também nos possibilitou compreender que há uma enorme necessidade de promover discussões relacionadas à mulher, especialmente no que concerne ao corpo feminino, com vistas a seu empoderamento dentro e fora do escopo do projeto. Eis uma enorme lacuna que nosso ensino não dá conta de atender.

Nessa perspectiva, clubes de leitura têm a função de criar uma comunidade leitora, proporcionando o conhecimento de textos literários clássicos, mas também de uma diversidade textual que inclui produções de autores negros, indígenas, LGBTQIA+ em muitos gêneros textuais, que historicamente foram e são excluídos dos currículos escolares em detrimento do conhecimento ocidentalocêntrico dominante. Nesse sentido, entendemos que a própria seleção da obra, assim como de cada poema particularmente, realizada pelas três bolsistas revela a necessidade que sentiram de compartilhar com outras pessoas a leitura que haviam realizado anteriormente. E revela também o desejo de suscitar debates pontuais colocados em pauta pela autora. Percebemos a relação de representatividade pro-

porcionada por uma escritora, portanto mulher, que também é jovem e pertence a uma cultura considerada periférica, lembrando que a autora tem nacionalidade indiana e migrou a outro país.

No caso relatado, é importante destacar especialmente a necessidade de realizar mais ações que contem com o protagonismo feminino nas ações escolares e de extensão. Com vistas a construir formas de ensino que possam integrar diferentes discussões relativas a componentes curriculares diversos, a literatura de autoria feminina mostra-se um importante ponto de partida para debates interessantes relativos à violência contra a mulher e outros temas relacionados. Não obstante, a leitura dessas obras sem que se faça uma escolha pela temática também é interessante pela representatividade feminina, no intuito de valorizar suas qualidades literárias e artísticas. Também identificamos que a leitura de textos de autoria feminina, importante para mulheres em termos de representação, é também interessante para homens no sentido de que mais leitores possam apreciar as qualidades da literatura de autoria feminina, que por muito tempo foi negada e silenciada.

Com a experiência, percebemos a urgência em trabalhar aspectos relacionados ao corpo feminino em sala de aula ou em projetos escolares, especialmente com o público feminino e em caráter educativo, abordando a vivência da experiência de ser mulher e incluindo reflexões sobre aspectos culturais e sociais relacionados. Os objetivos desse trabalho seriam desmistificar tabus e promover maior autoconhecimento, autocuidado e maior autonomia sobre o próprio corpo. Também é importante que a discussão inclua todo o público possível, independentemente de sexo, gênero e orientação sexual, para que a abordagem educativa possa atingir mais pessoas, de forma que promova mais compreensão e respeito ao corpo da mulher e a todos os aspectos a ele relacionados.

O encontro foi bem-sucedido segundo a avaliação coletiva feita pelas bolsistas, pois despertou nelas o desejo de promover mais ações nesse sentido. Elas mostraram-se determinadas a

explorar ainda mais, no clube de leitura, literaturas de autoria feminina e, após a experiência relatada, encaminharam muitas pautas de interesse para futuras discussões.

A vivência adquirida no projeto, assim como a experiência da produção deste artigo de visão interdisciplinar, leva-nos a defender a necessidade de que as discussões ultrapassem barreiras disciplinares e limites de linhas de investigação. Para que seja possível uma reflexão sobre as temáticas aqui discutidas, com a intenção de promover reais mudanças sociais, é imprescindível que as discussões aqui propostas sejam ampliadas para além dos grupos e movimentos sociais, atingindo discussões na esfera da educação e adentrando cada vez mais as salas de aula. Como visto, essa é uma necessidade urgente e de todas as pessoas que acreditam na transformação social da realidade.

Referências

ALLENDE, Isabel. **Mujeres del alma mía**: sobre el amor impaciente, las vida larga y las brujas buenas. Barcelona: Plaza Janes, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**. v. 17 n. 49, p. 171-192 2003. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142003000300008>

_____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Pensamento Feminista**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. Edição do Kindle. (Locais do Kindle 6109).

FEDERICI, Silva. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

KAUR, Rupí. **Outros jeitos de usar a boca**. 2ª Ed. São Paulo: Planeta, 2017.

_____. **Meu corpo minha casa**. São Paulo: Planeta, 2020. Edição do Kindle. (Locais do kindle 127).

MARIA, Luzia de. **O clube do livro**: ser leitor, que diferença faz? São Paulo: Global 2016. Edição do Kindle. (Locais do Kindle 439).

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NAVARRO, Márcia Hoppe. A ideologia patriarcal em A casa dos espíritos. In: DONALDO, Schuler. **Mulher em prosa e verso**. Porto Alegre: Movimento, 1988.

OPAS/OMS, Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde. **Folha informativa** - Violência contra as mulheres, 2017. Disponível em: www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WOLF, Naomi. **O Mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: RÖSING, Tânia; ZILBERMAN, Regina. (Orgs.). **Escola e Leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

Daisy da Silva César

Mestrado em PPG-Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. Atualmente é Professora de Português, Espanhol e respectivas Literaturas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Viamão.

Jessica Frasson

Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.

Endereços para correspondência

Daisy da Silva César

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Avenida Senador Salgado Filho

94440000

Viamão, RS, Brasil

Jessica Frasson

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX), sala 210

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico, 90690200

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Zeppelini Publishers e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.